

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

A actualidade de Garcia d’Orta

J. M. TOSCANO RICO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

A actualidade de Garcia d’Orta

J. M. TOSCANO RICO

Evocar Garcia d’Orta é sempre difícil. A riqueza e multiplicidade dos temas que abordou e também depois do trabalho exaustivo e profundo realizado pelo nosso confrade Conde de Ficalho em 1886. A sua prosa, a um tempo rigorosa do homem de ciência, e colorida e viva de um homem de letras, dotado de uma rara erudição e de uma fina sensibilidade, dão-nos um pano de fundo sobre o qual a vida e obra de Garcia d’Orta ressaltam num contexto único como foi a nossa presença na Índia na primeira metade do Seculo XVI.

Abordaremos assim o tema que nos propusemos, o da actualidade de Garcia d’Orta, em duas vertentes. Uma a da sua actualidade em relação ao mundo onde viveu, dado que no seu único livro, os *Colóquios dos Simples e Drogas e cousas medicinais da Índia assi d’algumas fructas achadas nela*, surgem elementos que permitem admitir que Goa não era um lugar remoto, nem um exílio longínquo, mas que, apesar da distância e dos perigos, havia um intercâmbio permanente com a Europa.

A segunda vertente refere-se sobretudo à actualidade com o nosso tempo, não só no conhecimento de plantas, algumas das quais ainda são utilizadas ou têm interesse médico por terem contribuído para esclarecer mecanismos do funcionamento do organismo humano, mas também pela forma de pensar e de encarar o mundo e os homens.

Nascido em Portugal em data incerta, Garcia d’Orta frequentou duas das Universidades mais conceituadas da sua época, a de Salamanca com um ensino clássico baseado em grande parte nos autores romanos, nomeadamente Galeno, e nos textos do árabe Avicena, e a Universidade de Alcala de Henares fundada pelo célebre Cardeal Cisneros, onde tinha sido criada a primeira cátedra de Botânica da Península Ibérica regida por um dos espíritos mais cultos e brilhantes da época, António de Nebrija ou de Lebrija como Garcia d’Orta o designa no seu livro.

Garcia d’Orta possuía assim uma cultura médica muito vasta. O Conde de Ficalho menciona a referência a 51 autores e, pela extensão e pormenor das citações apresentadas, é de admitir que possuísse 22 deles.

Chegado a Goa pelos finais de 1538, sendo Governador Nuno da Cunha, Garcia d’Orta integrou-se na vida da sociedade local. Por um lado convivendo com personagens ilustres, desde Martim Afonso de Sousa e Dimas Bosque, o médico valenciano do Vice-Rei D. Constantino de Bragança, até Luiz Vaz de Camões que no Proémio dos *Colóquios* o dedica ao Conde de Redondo fazendo o elogio de Garcia d’Orta e pedindo-lhe no seu final

Vosso favor e ajuda ao grão
Que agora em luz saíndo
Dará à Medicina um novo lume
E descobrindo irá segredos certos
A todos os antigos encobertos

Esta integração na sociedade goesa fez-se também mercê do ambiente favorável, numa altura em que a convivência dos portugueses com as comunidades locais se fazia com muita cordialidade, como mostra o tratado de 1539 celebrado com Nizam Shah em que se diz *“ey por serviço d’el Rei meu Senhor que as miszquitas sejam guardadas dos portugueses tão honradas asy como as nossas proprias igrejas”*.

Este ambiente permitiu-lhe um contacto bastante fácil com os médicos locais essencialmente os muçulmanos, e com personagens indianas altamente colocadas como ele refere no *“Coloquio do melam”*. *“Antes todos estam bem comigo porque eu nam sou muito cubiçoso, ou por dizer mais verdade sou preguiçoso, deixo-os curar quantas curas meto mão, e pergunto-lhes primeiro que andam a fazer e se é mezinha que eu conheço ser boa ou que não fará mal digo-lhes que que usem dela se o paciente se quer curar com eles, e se é má eu defendo-o. Se é mezinha que não sei se é boa ou má, como muitas vezes acontece, também lho defendo”*.

Por outro lado este contacto deveu-se também à sua actividade clínica entre a alta sociedade hindu. Como refere ainda no *“Coloquio do melam”*: *“Porque sei todas as enfermidades do terceiro e quarto Avicena e todos os simples do segundo em arabio, e isto me aproveitou muito ter curado aquele Rei meu amigo [como se referia a Nizam Shah] e a seus filhos posto que ao principio foi trabalho para mim e aproveitava-me para isto o bem que me queria o Rei que ele me ensinava estes nomes das enfermidades e mezinhas em arabio e eu lhos ensinava em latim do que muito gostava e por sua causa mo ensinavam tambem os fisicos que ele tinha, arabes e corações”* termo este pelo qual eram designados os habitantes do Reino de Scia no Pegu.

Esta capacidade de diálogo intercultural e o prestígio clínico alcançado facilitaram certamente a Garcia d’Orta o acesso a muita informação depois compilada nos *Colóquios*.

É neste ambiente e neste contexto que os *Colóquios* são publicados em Goa em 1563. Após a sua publicação teve uma enorme repercução na Europa pela sua tradução em latim por Carlos Clusius, um flamengo nascido em 1526 e que passando por Lisboa em 1564 os encontrou e os publicou de forma algo resumida em Antuérpia em 1567 com o título *“Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia”*.

Os *Colóquios* apresentam uma estrutura muito curiosa. Seguindo ainda o modelo de muitos repositórios, herdeiros do mundo antigo, estruturam-se na forma de um diálogo estabelecido entre o Autor e um interlocutor hipotético designado por Ruano. Esta personagem representa a figura do escolástico de épocas anteriores, conhecedor erudito de todos os autores clássicos, citando-os a propósito das diversas plantas e das suas aplicações, e, em contraponto, dando oportunidade a Garcia d’Orta para apresentar as suas observações.. No entanto Ruano evidencia já uma curiosidade, uma ausência de dogmatismo e uma abertura de espírito típicas de uma evolução histórica. Até já foi comparado com a faceta tradicional de Garcia d’Orta colhida e modelada nos seus estudos em Espanha, e confrontada com os dados concretos da realidade, com a observação directa das plantas.

A propósito de uma dada *“droga”* incluem-se apontamentos de uma enorme vivacidade só possíveis pelo confronto entre a observação directa e o conhecimento obtido dos autores clássicos, incluindo a descrição da planta, do local de onde provinha, e da forma de a preparar e dos usos médicos que lhe eram dados.

Para além do seu enorme interesse para o conhecimento de muitas plantas estranhas à Europa de então, apresenta também muitos aspectos da Medicina da época e uma enorme quantidade de dados sobre a nossa presença na Índia, desde aspectos sociais até a campanhas militares a que assistiu nos primeiros anos da sua presença na Índia até se estabelecer em Goa.

Como muito bem refere o Conde de Ficalho na sua obra “Garcia d’Orta e o seu tempo”, “Entre os viajantes da época era um erudito e entre os eruditos um viajante. Dos que viram distingue-se pelo que tinha lido, e dos que leram pelo que tinha visto”.

A actualidade de Garcia d’Orta ressalta em primeiro lugar do conhecimento que tinha de publicações recentes, na Europa. Por exemplo cita Gaspar Barreiros publicado em Coimbra em 1561, a propósito da etimologia do nome da cidade de Badajoz. Outra referência contemporânea aparece no “Diálogo de Cousas Novas” a propósito de um escrito do alemão Leonhardus Fuccius publicado pouco antes na Alemanha em que afirmava que não existia marfim verdadeiro, Garcia d’Orta afirma que *“Ha umas mentiras tão grossas que nem merecem ser repreendidas se não leixadas passar avante até que deem doze badaladas como relógio de meio dia”*.

Outro aspecto da actualidade de Garcia d’Orta ressalta do seu modo de pensar. Em vez de seguir os textos clássicos e os autores conceituados, pelos quais tinha estudado e que conhecia perfeitamente, é capaz de os criticar face à observação directa, contrapondo esta ao argumento da autoridade como era costume fazer-se e como deveria ter assistido nos seus estudos universitários. Assim, por exemplo, no “Coloquio da Canfora” diz *“... e nisto não tenhais dúvida alguma, porque foram falsas informações que se deram a Avicena e Serapião, de longas vias longas mentiras”*, ou no “Coloquio da Pimenta preta”, *“Todos a uma só voz se concertaram a não dizer a verdade se não que Dioscorides é digno de perdam porque escreveu por falsa informação e de longas terras, e o mar não ser tão navegado como aguora he, e ele imitou Plinio e Galeno e Isidoro e Avicena e todos os arabios e mais os que aguora escrevem, como Antonio Musa e os frades, têm maior culpa, pois não fazem mais do que dizer todos de huma maneira sem fazer diligencia em cousa tam sabida como é a feição da arvore e a fruta, como amadurece e como se colhe”*.

Em outras ocasiões Garcia d’Orta contradiz mesmo os grandes clássicos como no “Dialogo do Cubebas”: *“Não vos disse eu já que Serapiã erra nisto e que não é muito pois era homem e quis ir-se por a razão arriba”*. Outro exemplo vem no “Dialogo do Benjuy onde refere: *“Não me ponhais medo com Discorides nem Galeno porque não hey de dizer senam a verdade e o que sei”*. Esta consciência da modernidade, a curiosidade do saber, leva-o a afirmar no “Dialogo do Cardamomo” que: *“se sabe mais em um dia aguora pelos portugueses do que se sabia em cem anos pelos romanos”*, embora seja também muito crítico para com os seus compatriotas como refere no “Dialogo da Cãnfora”: *“Certo que passa assi, porque eu estou nesta terra há tanto tempo, com muito trabalho, posso saber uma verdade perfeitamente, e a causa é porque os Portugueses que navegam muita parte no mundo, onde vão não procuram de saber se nam como farão melhor suas mercadorias, e que levarão para lá quando forem e que trarão da torna viagem, não são muito curiosos de saber as cousas que há na terra e se as sabem nam as dizem a quem lhas traz que lhes amostre a arvore e se a veem nam a comparam a outra arvore nossa nem perguntam se da flor ou fruto e que tal é”*.

A actualidade de Garcia d’Orta deriva ainda de ter trazido ao conhecimento ocidental diversas plantas. Numa época muito anterior a Carl Linnaeus e ao *Sistema Naturae* em que no século XVIII sistematizou a classificação das plantas, o reconhecimento das diversas espécies fazia-se apenas por uma descrição genérica e pelo uso dos nomes consensuais, na sua maior parte vindos desde a antiguidade, ou pelo menos desde a Idade Média. É o que sucede, por exemplo, com o Calamo aromático, o Cardamomo, o Linaloes, os Mirabolanos, o Espiquenardo, o Tamarindo e a Turbite. Embora sejam plantas orientais, as rotas comerciais que já ligavam a Índia e mesmo a China aos mercados europeus permitiram aos autores romanos e medievais contactar com diversas espécies e mesmo usá-las com fins medicinais.

No entanto Garcia d'Orta menciona diversas espécies novas no ocidente, entre outras, como a que designa no "Dialogo do Altiht" por "árvore triste" porque só abre as flores durante a noite fechando-as de dia, planta esta designada por Lineu como *Nyctantes arbor-tristis* e celebrada pelo aroma das suas flores. Outra, referida no "Dialogo do negundo", é a *Vitex negundo* na classificação de Lineu, usada topicamente para aliviar as dores mas também com muitas outras finalidades. No "Dialogo de Cousas Novas" referem-se ainda os marmelos de Bengala, *Ægle marmelo Correa* usados em conserva, planta mais tarde descrita por Correa da Serra "On two genera of plants belonging to the natural family of Aurantia (Aegle and Feronia)", Transactions of the Linnean Society (London) v: 218 (1800). Incidentalmente, o interesse por esta planta persiste até à actualidade como se pode ver num artigo recente de Kamalakannan, N., e Stanley, M.P.P. (2003) intitulado "Effect of *Aegle marmelos Correa* (Bael) fruit extract on tissue antioxidants in streptozotocin diabetic rats". Indian J. Exp. Biol. 41(11):1285-1288.

Outra das plantas largamente discutida por Garcia d'Orta é o "pau de cobra", possivelmente a *Rauwolfia serpentina*, também mencionada nos antigos livros védicos e que, trazida para a Europa após a 2.ª Guerra Mundial, levou à descoberta de um alcaloide, a reserpina, o primeiro composto eficaz no tratamento da hipertensão arterial, e, em doses mais altas, o primeiro psicoléptico usado no tratamento da esquizofrenia. O conhecimento do seu mecanismo de acção, a inibição do armazenamento de neuromediadores como a noradrenalina e a serotonina nas terminações nervosas, constituiu um avanço fundamental para a descoberta de novos compostos actualmente utilizados na terapêutica humana.

A actualidade de Gracia d'Orta ressalta ainda da importância no tempo presente de algumas plantas descritas nos *Coloquios*. Uma delas, no "Dialogo do anfião" são as "dormideiras" a *Papaver somniferum*, discutindo-se se o ópio é extraído de dormideiras brancas ou negras e as diversas características consoante as regiões de onde provém. Menciona igualmente como se obtém, "Não é mais do que a a guoma das dormideiras...e dixeram-me destas dormideiras se fazia o anfião dando cutiladas nas dormideiras por onde corria o anfião". Refere os seus efeitos, "...faz os homens que o comem andar dormindo e dizem que o tomam para não sentir o trabalho", e conhece a habituação que provoca "o que tive por enformação (a dose) é de 20 até 50 grãos de trigo de peso mas eu conheci um secretario do nizamoxa coração de nação que comia cada dia três tollas que é peso de 10 cruzados e meio, mas este coração posto que era bom letrado e grande escrivão e notador sempre dormitava, e porem, metendo-o em prática falava como um homem letrado e discreto e por aqui podeis ver o que faz o costume".

Do ópio extrai-se a morfina que continua a ser um dos principais analgésicos usados para certos quadros dolorosos. Embora o conhecimento dos seus locais de acção e dos receptores onde actua tenha levado à síntese de numerosos compostos sintéticos, a morfina continua a ter um papel relevante no tratamento de quadros dolorosos graves.

A outra planta descrita por Garcia d'Orta, e actualmente importante, é a que ele designa, na terminologia local por Bangué. A planta é a *Cannabis sativa* também conhecida por cânhamo índico. No "Colóquio do bangué" refere que é feito do pó das folhas pisadas, por vezes com adição de outras plantas como a areca verde (*Areca catchu*) ou de anfião: "... e estes são os Mouros que muito podem e o proveito que disto tiram é estar fora de si como enlevados, sem nenhum cuidado e prazimenteiros e alguns reir um riso parvo, e já ouvi a muitas mulheres que quando hião ver algum homem, para estar com choquarerias e graciosas, e o que nisto se conta para que foy inventado he que os grandes capitães antigamente acostumavam embebedar-se com vinho

ou anfião ou com este banguê para se esquecerem de seus trabalhos e não cuidarem e poderem dormir porque estas pessoas as vigílias as atormentavam”.

A terminar, uma outra faceta da actualidade de Garcia d’Orta que ressalta no “Coloquio da Datura”. O género “*Datura*” está muito difundido e contém alcaloides, que bloqueiam os receptores muscarínicos da acetilcolina, um dos neurotransmissores importantes quer no Sistema Nervoso Central quer fora dele.

O “Coloquio da Datura” começa com um pedido de ajuda a Garcia d’Orta para uma senhora a quem a criada tinha administrado datura e a quem durante a intoxicação tinha roubado as joias fugindo em seguida. No diálogo que se segue com o hipotético interlocutor Ruano, este a certa altura pergunta-lhe: “*Deste-lo já a algum vosso negro ou negra?*” e a resposta que poderia ter sido dada no dia 25 de Julho de 2013, “*Não porque ão me conformei com a minha consciência a fazê-lo*”.

Este sentido ético sobre a vida e a dignidade humana na experimentação de drogas “*in anima nobile*”, num tempo em que os escravos eram considerados coisas, mostra de forma inequívoca uma actualidade de pensamento que só por si justifica o título dado a esta comunicação.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA ÀS CLASSES DE CIÊNCIAS E DE LETRAS
NA SESSÃO CONJUNTA DE 25 DE JULHO DE 2013)